

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Entrevistas

Volume 21 | Número 1 | Ano/período: jan/abril 2022

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v21i1.13693

ISSN: 2763-8804

Arqueologia das mídias nas palavras de Jussi Parikka¹

Entrevista concedida a

Cleberon Henrique de Moura²  

Alex da Silva Martire³  

Camila de Ávila⁴  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

MOURA, Cleberon Henrique de. MARTIRE, Alex da Silva. ÁVILA, Camila de. Arqueologia das mídias nas palavras de Jussi Parikka **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 21, n. 1, p. 183-191, jan-abr 2022. Semestral.

¹ Esta entrevista foi realizada no dia 19 de junho de 2020. Originalmente, foi realizada em formato de vídeo, em língua inglesa e publicada na plataforma *YouTube* (conforme disponível em <https://youtu.be/uljvsxOiqTc>). O texto aqui apresentado resulta de um trabalho de tradução de idioma, transcrição e textualização a partir das falas originais, de modo a transformar a presente entrevista, sob a forma de texto, em um outro produto documental.

² Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) e servidor técnico do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). E-mail: cleberon.moura@usp.br.

³ Pós-doutorando em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). E-mail: alex.martire@usp.br.

⁴ Doutoranda e Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: ca.avila@gmail.com.

Recebido em: 28/01/2022 | **Aprovado em:** 20/04/2022 | **Publicado em:** 08/08/2022

Dando continuidade a um esforço no sentido de contribuir com a difusão de conhecimentos históricos e sobre Arqueologia, buscando sempre trabalhar sob a perspectiva das Humanas Digitais, o grupo de pesquisa ARISE (Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), apresenta mais uma entrevista realizada no âmbito de um projeto que consiste em uma série de entrevistas com especialistas em Arqueologia Digital e áreas correlatas. Nesta entrevista, aqui traduzida e transcrita, conversamos com o professor Jussi Parikka da *Escola de Artes Winchester* da Universidade de Southampton no Reino Unido, um dos maiores especialistas em Arqueologia da Mídia no cenário mundial. Em um diálogo que conduz a Arqueologia para além do passado, colocando-a também em contato com a contemporaneidade. O entrevistado discorre sobre sua formação acadêmica até o seu interesse e consolidação no campo da Arqueologia das Mídias, conceituando essa área de pesquisa e apontando as semelhanças e diferenças com relação à “arqueologia tradicional”. O professor Parikka é autor de diversos livros, tais como *A geology of media*, *Digital contagions: a media archaeology of computer viruses*, *The anthrobscene*, *O que é arqueologia das mídias?*, dentre outros.

Entrevista

[Entrevistadores]: Professor Parikka, é uma grande honra ter você como nosso entrevistado hoje. Estamos muito felizes, e certamente nossa conversa será muito interessante para os nossos colegas também. Então, muito obrigado por falar conosco hoje.

[Jussi Parikka]: Obrigado, estou muito feliz em conversar com vocês.

[Entrevistadores]: Professor Parikka, minha primeira pergunta é sobre sua formação acadêmica. Você poderia nos contar brevemente como foi sua carreira profissional, e como você se envolveu com a Arqueologia da Mídia?

[Jussi Parikka]: Claro. Eu estou localizado, inclusive academicamente, no Reino Unido nos últimos 10 anos. Atualmente, estou na *Winchester School of Art*, que é parte da Universidade de Southampton, mas faz quase 15 anos que estou em diferentes instituições do Reino Unido envolvido com *Media Studies*. Mas convém voltarmos aos “tempos arqueológicos” da década de 1990. Nos anos 1990, comecei minha formação estudando História, tanto a política como, especialmente, a cultural na Universidade de Turku, na Finlândia. Lá, conheci meu colega Erkki Huhtamo, do mesmo

departamento e do mesmo caminho da história cultural, que é um pioneiro da Arqueologia da Mídia, então nós dois compartilhamos isso também. No início, estava apegado a isso, ao estudar e me interessar tanto pela teoria cultural como pela história cultural da tecnologia e pela história cultural da ciência, e eu conhecia um pouco da terminologia da Arqueologia das Mídias graças a pessoas como Erkki. Ele já estava fazendo uma carreira não apenas como pesquisador, mas, também, como curador de artes midiáticas. Eu sabia disso desde o início e, para mim, era algo que casava com o meu interesse em muitos tópicos não apenas históricos, sobre história da mídia ou história da tecnologia, mas as maneiras pelas quais eles se tornam emaranhados com a presença contemporânea. Então, meu interesse era, desde o início, sobre questões de teoria e filosofia contemporâneas, mas também sobre encontrar uma maneira de lidar com isso em relação à minha própria disciplina de História. Neste sentido, a Arqueologia das Mídias parecia se encaixar bem nessa mistura porque me parecia já ser um tipo de diálogo interessante com métodos diferentes, tanto envolvendo tópicos teóricos da mídia contemporânea, de materialidade, de trabalhos como os de Friedrich Kittler, como também permitindo articular o contemporâneo por meio de camadas históricas de arqueologia e genealogia. Foi atraente para mim também o fato de que muitos colegas na história cultural estavam fazendo um trabalho que era mais baseado na hermenêutica. Eu gostava de participar de grupos de leitura dos trabalhos de Martin Heidegger, mas percebi logo que não era o caminho que eu queria seguir. Em vez disso, estudei várias coisas como a teoria da mídia alemã, Foucault, e gradualmente fui lendo o trabalho de Gilles Deleuze. Ainda no início dos anos 2000, pude passar um tempo na Holanda - menciono isso sempre como uma parte fundamental da minha própria formação - nos seminários de Thomas Elsaesser, na Universidade de Amsterdam. Ele é um pioneiro da Arqueologia das Mídias, dos estudos de direção do cinema e da história do cinema novo. Mesmo que eu não estivesse estudando cinema, esta foi realmente uma experiência reveladora e pedagogicamente maravilhosa. Por outro lado, eu estava visitando Utrecht e frequentando os seminários da filósofa feminista Rosi Braidotti, que levantava questões sobre novo materialismo e como a longa trajetória da filosofia de Deleuze, como parte da teoria contemporânea, foi realmente instrumental. Nessa mistura, eu tentei desenvolver as coisas que acabei fazendo também em relação aos meus trabalhos, como *Digital Contagions* (Contágios Digitais) - minha tese de doutorado, que resultou em um livro (PARIKKA, 2007) - que é uma tentativa de ler fontes históricas sobre segurança de computadores e cultura de rede, mas também uma tentativa de colocar isso em uma conversa com muitas coisas que eu estava animado sobre a filosofia contemporânea e a teoria da cultura digital. Isso serviu como uma rota para mim também. Eu não sei se isso diz mais sobre mim enquanto um estudioso ou se diz mais sobre Arqueologia das Mídias. Eu não fui treinado como acadêmico de estudos de mídia, eu era um historiador cultural que estava lendo teoria da cultura digital. Acabei no Reino Unido ensinando estudos de mídia (*Media Studies*) por quatro anos. Depois disso, acabei em uma escola de arte, novamente, sem um treinamento de arte. Algo que gosto de refletir também em relação a esse tema - que é parte central do livro *O que é Arqueologia das Mídias?* (PARIKKA, 2021) - diz respeito à ideia de disciplina itinerante ou um

conjunto de teorias itinerantes, bem como esse tipo de itinerância entre diferentes anfitriões institucionais, que também uso como uma forma de compreender "Por que estou nesta posição onde estou? O que estou fazendo em uma escola de arte? O que estou fazendo como um historiador que acabou em estudos de mídia, mas realizando estudos de mídia de uma forma muito diferente do que talvez alguns estudos de mídia convencionais?". Não são estudos de comunicação o que eu faço, mas ainda assim se situa no grande campo, digamos, das humanidades teóricas. Eu considero o meu trabalho situado no amplo campo das humanidades críticas, ou até mesmo das pós-humanidades críticas hoje em dia, do que apenas aos estudos de mídia, caso isso faça sentido.

[Entrevistadores]: Vamos continuar com a Arqueologia das Mídias, que mencionou anteriormente. Acredito que muitos dos meus colegas arqueólogos não conhecem ainda o campo da Arqueologia das Mídias. Então, o que é Arqueologia das Mídias? Seria uma Arqueologia do Contemporâneo? Quais os métodos que a aproximam da "arqueologia tradicional" com a qual estamos acostumados?

[Jussi Parikka]: É um tópico interessante porque, como você sabe, muito da terminologia - por que falar em arqueologia ou Arqueologia das Mídias - deriva dessa linhagem que é mais Michel Foucault do que Arqueologia como disciplina, o que nos coloca a questão: "Temos algo em comum?". Como sabemos há anos, há muitas coisas em comum, e acho que isso é uma espécie de ponte entre a Arqueologia das Mídias - enquanto um estudo ligeiramente diferente das disciplinas de estudos de mídia e arte -, a Arqueologia do Contemporâneo, como você mencionou, e a Arqueologia Digital. Arqueólogos que trabalham com material digital são realmente interessantes. Eu não saberia dizer o quanto poderia ser importado da Arqueologia das Mídias para a Arqueologia do Contemporâneo, mas acho que há pelo menos um conjunto de interesses semelhantes no período das culturas industriais, e nas formas com que a materialidade é lida através das culturas industriais, como parte de um conjunto de preocupações pelas quais ambos estão interessados, além dos períodos de tempo semelhantes, em relação a um tipo de longa duração ou longos períodos de cultura digital, tanto em relação a materialidades particulares do digital como também em relação a uma investigação não apenas de objetos, mas de infraestruturas, por exemplo, de industrialismo. Às vezes, quando me perguntam isso, eu tento evitar a questão ao me referir às ideias do teórico alemão Knut Ebeling sobre arqueologias selvagens. Ebeling fala de arqueologias selvagens em seu trabalho, onde coloca a questão da arqueologia não apenas em relação à Arqueologia das Mídias, ou "arqueologia tradicional" que emerge no século XIX, mas o tipo de linhagem filosófica da arqueologia de Emmanuel Kant a Sigmund Freud, a Walter Benjamin, a Michel Foucault, a Friedrich Kittler - todos homens, o que é problemático - com isso, você entende o que quero dizer com a ideia de que existe uma arqueologia nesse sentido selvagem que já fez parte de uma história cultural particular de pensar tanto metaforicamente, mas também em termos de métodos. Então, novamente, seria muito óbvio dizer isso, mas, Walter Benjamin, enquanto uma figura de tipos específicos de metodologias de arqueologia urbana, nesse sentido, é

provavelmente uma figura conectora de muitas maneiras também. Acredito que há uma espécie de troca de métodos que está acontecendo em relação a questões bastante fundamentais de conceitos e as maneiras pelas quais nós construímos nossos objetos de pesquisa em primeiro lugar. Temos um famoso caso de arqueólogos de jogos escavando, por exemplo, restos materiais de culturas de jogos dos anos 1980 em aterros sanitários no Novo México, Estados Unidos. Esse seria um exemplo famoso de questões em termos de obsolescência, mas também as maneiras como - e isso é algo que meu colega na Universidade de Southampton, professor de Arqueologia, Andrew Jones, tem feito também - a questão das imagens em arqueologia, tanto o tipo de forma teórica de compreender o que é uma imagem em arqueologia, e quais são as mídias de imagens arqueológicas que impactam as dimensões materiais e epistemológicas do objeto de pesquisa da arqueologia. Desta forma, a ideia do tipo de mediação constante de objetos arqueológicos é central e não apenas no tipo de representação de mídia da arqueologia, mas no tipo fundamental de questão sobre o que é a mídia técnica como parte do trabalho arqueológico (por exemplo, novas tecnologias de imagem avançadas), e também tentar entender que não é apenas uma forma de usá-las como ferramentas, mas que são fundamentalmente meios de conhecimento que impactam o conhecimento arqueológico. Há algo interessante sobre essas questões fundamentais de infraestruturas de conhecimento que são condições de existência que ambos os campos compartilham e, novamente, eu quero pensar que a Arqueologia das Mídias possa oferecer coisas novas. Já houveram grandes trocas. Penso no número especial que Angela Piccini editou para o *Journal of Contemporary Archaeology*, cerca de cinco anos atrás, que incluiu contribuições tanto de arqueólogos como de arqueólogos da mídia, e há algo aí nessas trocas, onde talvez possa ocorrer não uma importação, mas, basicamente, a troca sobre o que seria esse terreno comum - algo ainda importante e muito esclarecedor sob muitos aspectos.

[Entrevistadores]: A publicação original⁵ do livro *O que é arqueologia das mídias?* (PARIKKA, 2021) completará 10 anos em 2022. Olhando para trás, e com um pé em um futuro cada vez mais incerto, o que pode ser dito sobre a disciplina, ou (in)disciplina, da Arqueologia da Mídia neste meio tempo em termos de crescimento, desafios e perspectivas?

[Jussi Parikka]: Esta é uma questão interessante por vários motivos. Eu sempre quero lembrar também que a Arqueologia da Mídia já teve vários começos. Então, quando fiz isso em 2012 - na verdade, há 17 anos - já estava resumindo e também querendo reconhecer que existiram tantas maneiras nas quais diferentes linhagens da Arqueologia da Mídia nasceram. Portanto, você pode pensar na Nova História do Cinema na década de 1980 como uma espécie de ponto de referência. Podemos voltar à obra de Foucault ou de Walter Benjamin, ou às ciências da imagem alemãs do início do século XX; podemos relacionar a Erkki Huhtamo ou à obra de Zielinski. Ou ainda, já nos anos

⁵ Versão original: (PARIKKA, 2012).

1990, temos o trabalho de Giuliana Bruno entre Cinema e Arqueologia da Mídia, Cinema e Arquitetura. E há muitos outros tipos de genealogias semelhantes que se enredam. Portanto, há vários passados. Então, provavelmente, também possui inúmeros futuros. Tem havido um tipo interessante de, digamos, disseminação do uso do termo de maneiras que eu acho que encontraram novos usos, mas também problematizou alguns dos antigos cânones dele. Tem havido críticas importantes de que parte do cânone tem sido muito masculino e muito eurocêntrico, o que eu concordo. Mas também quero dizer que sempre houve outras figuras interessantes e precisamos nos lembrar delas também em termos de gênero, que não é totalmente masculino. Mas também esses indícios de projetos de pesquisa do passado que tentaram ir além de apenas escrever essas arqueologias alternativas de mídia para aquelas que ainda estão muito focadas na mídia europeia ou, digamos, na mídia ocidental e no contexto ou nas fontes. Para tudo isso, Zielinski se envolveu nesse projeto que tratava de variantes de mídia tanto da América do Sul quanto da cultura chinesa, Oriente Médio etc. Então, esse tipo de reorientação geográfica de como começamos a mover o campo e como ele se parece em diferentes direções. E essas são coisas que encontro. Ainda preciso de uma ampliação, para que não sejam apenas acrescentadas novas arqueologias das mídias vindas do Brasil ou da China, que são importantes. Mas que essas novas perspectivas empíricas e perspectivas de pesquisa ou novas alianças de pesquisa entre, digamos, no seu caso, a Arqueologia e a Arqueologia da Mídia, elas também podem reformatar alguns dos métodos de como fazemos isso. Portanto, ainda abordamos frequentemente certos referenciais teóricos e muitos deles são bastante interessantes, mas sempre há espaço para fazer novos tipos de coisas em termos de metodologia também. Acredito que há algo a ser dito sobre isso: muitas vezes é referido como a colonização de vários tipos de premissas teóricas e infraestruturais do conhecimento da humanidade e, neste caso, eu apenas penso que realmente se refere às formas pelas quais a amplificação de diferentes tipos de vozes é necessária, não só na Arqueologia da Mídia como em muitos outros campos. E, nesse sentido, convém também que haja novos tipos de alianças em diferentes regiões geográficas e também em outras coisas. Uma coisa em que estive envolvido com colegas, é uma maneira ligeiramente diferente de abordar o assunto, mas não o contrário de forma alguma. Então, iremos lançar um novo livro no final deste ano [2021] chamado *The Lab Book*⁶, que será escrito junto com Lori Emerson e Darren Wershler, e é um longo projeto de cinco, seis anos já, e vem de muito trabalho de Lori e Darren, especialmente, mas também de outros que trabalham com laboratórios de Arqueologia da Mídia. Portanto, o retorno de coleções como parte da arqueologia da mídia, dito de outra forma, a construção de coleções como parte da arqueologia da mídia é uma maneira interessante de entender questões de infraestrutura, por exemplo, uma coleção de mídia antiga ou coleção arqueológica de mídia. Mas também outros tipos de trabalho de como a Arqueologia da Mídia se torna institucionalizada talvez também façam parte do desenvolvimento disso, às vezes, em relação às

⁶ Wershler; Emerson; Parikka (2021).

humanidades digitais, às vezes de outras maneiras, e acho que há algo a ser dito sobre essa abordagem como forma de também institucionalizar, talvez de boas maneiras, a Arqueologia da Mídia em diferentes contextos, se isso fizer sentido. Então eu acho que essas são algumas coisas. Acho que haveria muito mais a ser dito, mas também sou da opinião de que escrevi um livro há 10 anos, e agora é hora de outros fazerem a mesma coisa, mas fazê-lo melhor. E eu quero dizer isso genuinamente, que há maneiras de fazer isso com muito mais tipos de vozes diferentes e adicionar coisas que já foram ditas e trazer uma pluralidade de vozes para a mistura também.

[Entrevistadores]: O grupo que você modera no *Facebook* sobre Arqueologia da Mídia é sempre muito produtivo em termos de conteúdo e usualmente bastante diverso em termos de postagens de diferentes lugares do mundo. Assim, como temos associações como a de "Ecologia da Mídia", seria muito pretensioso pensar em algum tipo de associação similar, em escala internacional, ligada aos estudos de Arqueologia da Mídia?

[Jussi Parikka]: É uma ideia interessante e algumas vezes também a ouvi. Eu mesmo não queria fazer isso, mas se alguém quisesse, ficaria feliz em ver isso acontecer. Também porque acho que haveria novamente muitas outras vozes que poderiam fazer isso de maneiras muito mais interessantes do que eu. Acho que a questão é dupla: por um lado, penso que ajudaria a gerar mais pesquisas e, também, pesquisas diversas em torno dessa área. Mas também geraria práticas e ajudas, talvez, até mesmo para obter fundos e construir uma revista - isso é uma boa ideia. Por outro lado, precisa ser pensado como multidisciplinar. Portanto, acho que as maneiras pelas quais devemos evitar a ideia de que a Arqueologia da Mídia é apenas uma disciplina são importantes. Eu lembro que por anos, em diferentes contextos, as pessoas estavam perguntando algo como "Qual é o método da Arqueologia da Mídia?" e sempre me recusei a dar uma resposta, porque acho que é um campo de métodos diferentes e, da mesma forma, qualquer tipo de associação deve ser capaz de manobrar esse espaço entre a multiplicidade de métodos e abordagens, e ainda ter uma certa ideia central que o impulsiona. Então, o grupo do Facebook é bastante interessante, e eu sou muito grato às pessoas que postam lá, mas também ocorre um tipo de compreensão muito diferente da Arqueologia da Mídia: às vezes, um pouco fora do assunto também. E, como anedota, acho que não foi criado por mim, na verdade. Se não me engano, foi fundado por Garnet Hertz, a pessoa com quem escrevi sobre "mídia zumbi" e fizemos outras coisas juntos, e foi quem me adicionou como moderador. Mas é claro que estou feliz ajudando o grupo, mas não quero que seja identificado com meu nome. Acho que precisa ser coletivo. Eu acho que é importante com todas essas associações e ideias, que elas sejam pensadas como coletivos no verdadeiro sentido do termo. Sentido político do coletivo, mas também em termos de como levar adiante um determinado projeto de um modo amigável, mas crítico, investigando o que é que fazemos. E o coletivo sempre nos ajuda a fazer as coisas melhor. Isso pode soar um pouco ingênuo, mas acho que ainda acredito firmemente em coletivos, como disse, na política e na vida social.

[Entrevistadores]: Professor, os seus trabalhos lidam com uma variedade enorme de temas interessantes, tais como *Insect Media*, Vírus de Computadores, Geologia das Mídias, entre outros. Todos esses assuntos, de um modo ou de outro, acabam inseridos no Antropoceno. Para encerrar nossa entrevista, poderia nos contar sobre o termo que você cunhou para trabalhar com essas questões, o *Anthrobscene* [Antrobsceno]?

[Jussi Parikka]: Sim, é um termo problemático... Bem, quero dizer, ainda estou persistindo nisso, não estou descartando, mas, como você apontou, acho que se encaixa em uma linha de trabalho que eu também tenho feito. Isso pode soar um pouco engraçado, mas denomino esses três livros, *Digital Contagions* (PARIKKA, 2007), *Insect Media* (PARIKKA, 2010) e *A Geology of Media* (PARIKKA, 2015) uma espécie de trilogia da ecologia da mídia, também porque todos lidam com essas trocas entre a chamada Natureza e a chamada Tecnologia ou a chamada Cultura. Então, há uma ameaça percorrendo tudo isso de maneiras diferentes e na época em que eu estava escrevendo *A Geology of Media*, e antes disso aquele livrinho *The Anthrobscene*, eu e todo mundo nas humanidades teóricas estávamos cada vez mais cientes do debate do Antropoceno também. E parecia estar lidando com o mesmo tópico de formas particulares de exploração, exploração da natureza e do trabalho. O primeiro livrinho que saiu como *The Anthrobscene* era para ser uma espécie de *single* antes do álbum completo de *A Geology of Media*, e era para ser uma espécie de provocação, de um pequeno ensaio, quero dizer um formato de ensaio e, portanto, a ênfase no "obsceno" torna-se menos - espero - uma conotação moralista, e mais um tipo de especificação ética das apostas do Antropoceno. De forma semelhante a outros teóricos, e de uma forma muito mais rigorosa e fundamental de grande projeto, temos especificado que, ao invés de falarmos de Antropoceno, deveríamos olhar para as histórias do colonialismo, ou *plantation* [plantações] em relação ao Antropoceno, ao Capitaloceno, ao Plantationceno etc. Eu estou mais ou menos no mesmo conjunto de preocupações. Eu quis salientar que há um certo tipo de especificação ética de quais tipos de corpos estão sendo explorados, quais tipos de corpos estão sendo produzidos nas indústrias de extração, quais tipos de processos estão por trás dessa questão dos estudos de mídia na era do Antropoceno, para colocar um pouco, talvez, de uma forma grandiosa, mas acho que você sabe o que quero dizer. E é nesse tipo de, digamos, uso de linguagem, que eu quero especificá-lo, mas também não quero tirar espaço do debate antropocênico, porque acho que ainda é extremamente útil e nos aponta para a massiva variedade de tópicos inter-relacionados em várias escalas com os quais estamos lidando, que é realmente a complexidade de toda a esfera social, política e estética em relação à mudança climática, crise da biodiversidade e os intencionais impulsos genocidas/ecocidas que permeiam nossa época também. Eu meio que uso isso como um termo passageiro, e acho que muitos dos neologismos contemporâneos, esses novos termos inventados, estão lá só de passagem. É aqui que o meu passado de Deleuze vem: eu sou um pragmático no sentido de Deleuze também. Então, neste caso, podemos começar a investigar questões, por

exemplo: quais são as formas particulares de violência ambiental em relação à política de extrema direita, formas políticas de xenofobia em relação a outras políticas. Você vê que o tipo de agrupamento de tópicos é realmente crucial para nosso momento contemporâneo, especialmente quando, por todos os tipos de razões perigosas, a extrema direita está articulando suas próprias versões do que deseja fazer com as questões ambientais, seja por meio da exploração devastadora completa e/ou pela criação desses tipos de formas etno-nacionalistas de exclusão que é um estado-nação, então, há muito a ser desempacotado, é claro que Anthrobscene/Antropoceno não é a solução para isso: é meramente apontar para essas complexidades de maneiras que outros colegas também fizeram.

[Entrevistadores]: Obrigado, novamente. Eu gostaria de agradecê-lo por esta nossa conversa de hoje: foi fascinante aprender mais sobre Arqueologia das Mídias e outros assuntos. Então, Professor Parikka, muito obrigado por falar conosco hoje.

[Jussi Parikka]: Muito obrigado. Foi um grande prazer, e acho que gostaria de adicionar mais uma coisa. O tópico principal da discussão de hoje tem sido sobre Arqueologia das Mídias, mas vejo que, de certa forma, especialmente meus últimos cinco, seis anos de trabalho, além do legado da Arqueologia das Mídias, pelo menos tão importante para mim é o ponto de referência das humanidades ambientais, então também é uma pequena mudança em termos de tópicos, mas também é um modo realmente interessante de como descrevemos esses campos, e tem sido um prazer estar em diálogo com vocês também: muito obrigado pelas perguntas.

Referências

- PARIKKA, Jussi. **A geology of media**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015.
- PARIKKA, Jussi. **Digital contagions: a media archaeology of computer viruses**. Peter Lang, 2007.
- PARIKKA, Jussi. **Insect media: an archaeology of animals and technology**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- PARIKKA, Jussi. **The anthrobscene**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.
- PARIKKA, Jussi. **What is media archaeology?**. Cambridge: Polity Press, 2012.
- PARIKKA, Jussi. **O que é arqueologia das mídias?**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2021.
- WERSHLER, D., EMERSON, Lori; PARIKKA, Jussi. **The lab book: situated practices in Media Studies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2021.

Fonte oral:

PARIKKA, Jussi. [jun. 2020]. Entrevistadores: Cleberson Henrique de Moura, Alex da Silva Martire, Camila de Ávila. Porto Alegre, São Paulo: Brasil; Southampton: Reino Unido. 6 de set. de 2021.

Contribuições para entrevista:

Nada a declarar.

Fontes de financiamento:

Nada a declarar.

Conflitos de interesse:

Nada a declarar